



Para  
os nossos filhos

**BOA SEMENTE**  
PUBLICAÇÃO MENSAL

Poço Novo 7 — Lisboa

Telef. 21753

Propriedade, redacção e edição da  
LIGA AGRÁRIA CATÓLICA FEMININA

Composto e impresso na Tip. UNIAO GRAFICA — Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA

**PROGRAMA DA PEREGRINAÇÃO DA A.C.P. A FÁTIMA**

**Sábado — 4 de Abril**

8,00 horas — Missa, etc.

10 » — 3.ª série de sessões parciais;  
Profissão; Tempos livres; Res-  
ponsabilidades Cívicas.

**PEREGRINAÇÃO**

Das 15,30 às 18,30 horas — Chegada dos peregrinos, entrada solene por Dioceses, conforme programa marcado, e sua instalação.

18,30 horas — Na esplanada em frente da escadaria da Basílica. Chamada das Dioceses. Via Sacra pela Igreja do Silêncio, pregada pelos Assistentes das Juntas Diocesanas, terminando com o Canto do «Credo», enquanto a assembleia acende as velas e as conserva acesas até ao fim.

22,00 horas — Procissão das velas.

23,00 » — Hora santa colectiva.

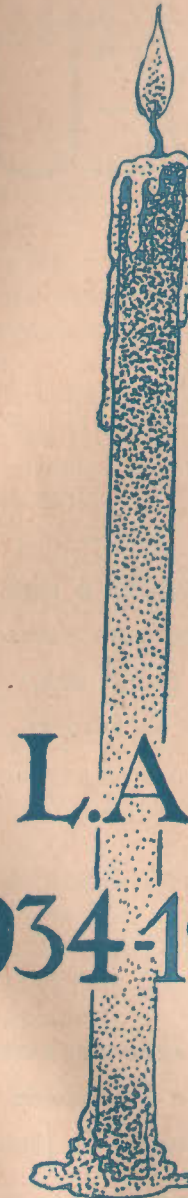
Das 0,00 às 7,00 horas — Horas de adoração por grupos de Dioceses.

8,00 horas — Missa solene de Pontifical, homília e Ofertório solene. Comunhão. Acção de Graças e Bênção dos Doentes.

10,00 horas — Pequeno almoço.

11,00 » — Assembleia Geral de encerramento, preven-  
do-se o programa seguinte:

- Alocução dum membro da Comissão Central;
- Leitura das conclusões da «Semana»;
- Alocução do Em.<sup>mo</sup> Director Nacional da A. C. P.;
- Coro falado com Consagração a Nossa Senhora;
- Mensagem Pontifícia;
- Te-Deum;
- Recondução da Imagem para a Capelinha das Aparições.



**L.A.C.F.**

**1934-1959**

**BOA SEMENTE**

**ABRIL DE 1959**



# Grãos de Liturgia

No número de Janeiro de 1958, nesta mesma página, lembramos a responsabilidade que cabe a cada mulher católica pelo desarranjo e falta de asseio das Igrejas.

Gostaríamos de que aquelas que não leram, ou que já esqueceram o que então foi dito, procurassem pensar um pouco neste assunto.

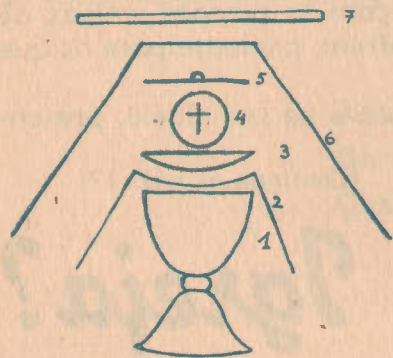
Também no número de Março de 1958 falámos em quanto é errado oferecer toalhas de altar, ou outras coisas, sem primeiro consultar o pároco, e a propósito destes oferecimentos (que muitas vezes são promessas feitas) nunca é demais insistir.

Só o pároco sabe aquilo que mais falta faz na sua igreja. Se, para a promessa que fizemos temos, como é natural, uma certa conta em dinheiro, bom é que saibamos que numa igreja há sempre onde empregar tanto grandes somas como pequenas quantias. Para agradecer a Nosso Senhor uma graça, temos mil maneiras de o fazer, e é certo que sempre ficamos em dívida.

Falando agora só nas *ofertas materiais*, quiere dizer, aquelas que representam sacrifício de dinheiro ou de trabalho seu, é preciso acima de tudo que haja humildade naquilo que se oferece, e o princípio dessa humildade está em dizer ao padre aquilo que nos dispomos a oferecer.

Não oferecer uma promessa para que seja vista e admirada. Basta que Deus o saiba, mais aquele que zela pela Sua casa. Se

é pouco o que podemos dar, juntamo-lo ao que os outros dão numa caixa de esmolas ou numa subscrição.



- 1 cálice
- 2 sanguíneo
- 3 patena
- 4 hóstia
- 5 pala
- 6 véu
- 7 bolsa de corporais

# Liturgia

Que importa que os 5\$00 que prometemos, em vez de comprar uma mão de cera, sejam para ajudar a comprar linho fino para fazer uns corporais?

Que melhor podemos desejar para o nosso sacrifício do que estar nuns fios de linho onde o corpo de Deus vai tocar, ou que vão estar, de qualquer modo, ao Seu serviço?

Queremos fazer sacrifício maior? Promessa que canse o nosso corpo?

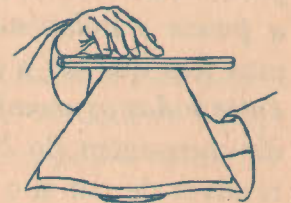
Não desdenhemos de nos juntar sem toleima àquelas que se encarregam da limpeza. Há sempre metais para arear, vidros para lavar, roupas para coser.

Se queremos provar que amamos e honramos a Deus, temos que mostrar respeito pelos *lugares*, pelos objectos, e pelas pessoas *consagradas a Deus*, como sejam : a Igreja, o cemitério, a cruz, o altar, os vasos sagrados e os paramentos, os sacerdotes e os religiosos.

Amamos melhor aquilo que conhecemos, e o «saber não ocupa espaço...» por isso aqui vai hoje a explicação da maneira como o Padre leva para o altar o cálice e a hóstia que vão ser consagrados.

Sobre o cálice coloca-se o sanguíneo dobrado a todo o comprimento. Com os dedos o Padre carrega-o um pouco ao meio para dentro do cálice. Sobre o sanguíneo a patena. Sobre a patena coloca a hóstia de modo que o pé da cruz que está impresso na hóstia fique voltado para a frente. Sobre a hóstia coloca-se a pala de linho, e por cima lança-se o véu que cobre todo o cálice. Coloca-se sobre o véu a bolsa dos corporais, com a abertura voltada para a frente, isto é : para o sacerdote.

O sacerdote segura o cálice com a mão esquerda e pouisa a mão direita sobre a bolsa de corporais.





# O BOM PASTOR

No segundo Domingo depois da Páscoa celebra-se, em toda a Igreja católica, a festa do Bom Pastor, aproveitando-se essa solenidade para chamar a atenção dos fiéis para o Pároco e para a freguesia.

Por isso, em muitas paróquias do nosso país, costumamos prestar homenagem ao nosso pároco, homenagem que é, ao mesmo tempo, preito de gratidão pelo muito que lhe devemos, e de respeito, não só pela sua pessoa, mas também pelo que representa junto de nós.

Mas, porque se escolheu precisamente esta festa para tal fim? Porque a não deixamos para qualquer outro dia do ano?

Vejamos: Chama-se a este segundo Domingo depois da Páscoa «Domingo do Bom Pastor» por causa do Evangelho da Missa desse dia. Diz-nos essa passagem do Evangelho de São João que, falando aos fariseus, Nosso Senhor declarou: **«Eu sou o Bom Pastor; e o Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas»**. E, mais adiante, repetiu: **«Eu sou o Bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e as minhas ovelhas conhecem-me»**.

Portanto, nas palavras do próprio Jesus, o Bom Pastor tem estas duas características: dá a vida pelas suas ovelhas e conhece-as tão bem como elas mesmas o conhecem.

Logo, todo aquele que se intitular pastor sem possuir estas duas qualidades não é, na realidade, pastor; é um impostor que usurpou um nome ao qual não tinha direito, para induzir em erro as ovelhas ingénuas ou cegas, afastando-as do caminho da salvação.

Mas, se estas duas qualidades concorrem no nosso pároco, então é, verdadeiramente, o «Bom Pastor», a quem foi confiado o cuidado das almas e a santificação da paróquia. Por isso, não há dia melhor para lhe prestar homenagem do que aquele em que o próprio Evangelho da Missa se refere à sua missão redentora.

Todavia, se o Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas, como é que o nosso pároco dá a vida por nós? Vejamos ainda:

O primeiro Pastor a sacrificar a vida pelo seu rebanho foi Jesus mas, depois dele, muitos outros pastores o fizeram, tanto nos primeiros séculos da Igreja, como ainda nos nossos dias, nos países em que a fé é um crime. Contudo, há muitas maneiras de dar a vida; há a maneira espectacular e dramática dos mártires, e há a maneira silenciosa e obscura dos que totalmente se entregam ao dever quotidiano e ao serviço das almas.

É esta a maneira habitual e corrente; e é assim que o nosso pároco se dá, no serviço e na disponibilidade constantes, sempre pronto a atender, a consolar, a perdoar os pecados e as misérias dos outros.

E, se o sacrifício do nosso pároco não é tão retumbante como o dos mártires antigos, nem por isso é menos verdadeiro e total. Nós é que nem sempre damos por ele, tal qual como nos passam despercebidos os milagres de Deus que todos os dias se realizam debaixo dos nossos olhos: a ordem que existe no mundo, o ger-

minar e o crescer das plantas, o nascer e o pôr do sol, o rodar das estações, a beleza das coisas criadas.

E, como o sacrifício total do nosso pároco é um desses factos quotidianos, em que não reparamos, de tão repetidos que são, nem sequer nos lembramos dele, como ovelhas ingratas, incompreensivas, quantas vezes excessivamente exigentes, que somos.

Mas o Bom Pastor conhece as suas ovelhas, e as suas ovelhas conhecem-no. Será isto verdade, em relação ao nosso pároco?

Nas freguesias das nossas aldeias, o pároco acompanha, por vezes, a vida dos seus paroquianos, do nascimento à morte; recebe-os no seio da Igreja, no dia do Baptismo, ensina-os a amar a Deus na catequese, dá-lhes Nosso Senhor pela primeira vez, na sagrada Comunhão, une-os no Sacramento do Matrimónio leva-os à última morada, quando a morte lhes bate à porta.

Toda a vida da paróquia palpita e gira em volta do pároco; ele é, na verdade, o pai, o amigo, o santificador, o consolador nas angústias e penas da vida. Simplesmente, há ovelhas transviadas, que se deixam levar por longos, difíceis caminhos, à procura de uma felicidade mais imediata do que aquela que encontrariam no aprisco e o Bom Pastor lhes promete. Estas ovelhas não conhecem o pastor; separadas voluntariamente do rebanho, não obedecem ao seu chamamento nem escutam a sua voz.

Mas, no Evangelho da mesma Missa, Nosso Senhor diz ainda: **«Há ainda outras ovelhas que não são deste aprisco... importa que eu as traga, e haverá um só rebanho e um só pastor»**.



(Continua na pág. 15)